

A Alteridade através de Michel Henry

The Alterity Through of Michel Henry

Érica da Silva Martins

Matheus Mariano da Silva

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a visão de Michel Henry sobre a relação da alteridade com o cristianismo. Henry faz uma crítica a situação a que a sociedade se submeteu, quando o ser ontológico é esquecido. Através de exemplos citados por ideias como as do cristianismo de Henry, a alteridade traduz o que seria a resposta para este problema, ou seja, para que o ego transcendental seja alcançado o eu precisa estar ligado ao outro, refletindo através da realidade de quem está conectado com o mundo, com a vida. Assim, afirma de forma radical e inusitada Paulo aos Gálatas: “Não há judeus nem gregos, não há escravos nem homens livres, não há homem nem mulher”, de fato somos todos iguais. Sendo assim a realidade essencial do ser humano se encontra além da diferenciação, seja essa qual for.

Palavras-chave: Alteridade. Fundo Comum. Michel Henry.

Abstract

This paper has the purpose to present Michel Henry's viewpoint about the relationship of alterity with Christianity. Henry does a criticism to the situation in which the society submitted itself, when to be ontological is forgotten. Through examples mentioned by ideas as the ones of Henry's Christianity, the alterity reveals what would be the answer for this problem, in other words, in order for the transcendental ego be achieved the I must be connected to the other, reflecting through the reality of whom is connected with the world, with the life. Thus, Paul states to the Galatians in a radical and unusual way: "There is neither Jew nor Greek, there is neither slave nor free man, there is neither male nor female", indeed we are all the same. Thus, the essential reality of human being is beyond differentiation, be that differentiation any.

Keywords: Michel Henry. Alterity. Affectivity. Immanence

Considerações Iniciais

No seguinte trabalho buscou-se abordar o conceito de alteridade num sentido mais aprofundado. Em muitos casos a alteridade é trabalhada de forma genérica, e utilizada de maneira sintetizada. Segundo Abbagnano¹, a alteridade é “ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”, sendo apresentada com um significado voltado para a representatividade. De acordo com tal definição a alteridade se dá no reconhecer-se no outro, ou seja, afastar-se de diferenças sejam essas sociais, culturais, religiosas, físicas entre outras.

Michel Henry, filósofo francês contemporâneo dedicou parte de seus estudos para destrinchar tal conceito de maneira mais profunda. Henry afirma em um de seus escritos sobre a alteridade: “Sendo outro, “os outros”, próximo” outro eu, um alter ego, sua essência não pode ser senão idêntica a minha”². Sendo assim, fica evidente que não basta colocar-se no lugar do outro, pois isso acaba anulando o meu ego, mas é preciso manter uma relação entre egos, estando com o outro compreendendo essa essência comum.

A Alteridade em Michel Henry

A base para a alteridade de acordo com a Fenomenologia da Vida de Michel Henry é a afetividade. Ao ocupar-se da afetividade na alteridade, Henry rompe com a própria Fenomenologia tradicional que não ultrapassou o aspecto representacional, segundo o mesmo. Em nenhum momento ele ignora sua originalidade muito menos sua importância, contudo, crítica a supervalorização do visível. Para Florinda Martins, “a auto-afeição como afeto de si implica na ipseidade da vida afetiva, mas a afecção de si é simultaneamente geradora de mim e geradora de alteridade”³, portanto, o afeto ocorre de forma mútua, quando eu afeto o outro eu passo a fazer parte do outro, e da mesma maneira quando o outro me afeta ele passa a fazer parte de mim.

Para Henry a relação com o outro acontece a partir de um Fundo Comum “é um lençol de água afetiva subterrânea, e cada um bebe aí a mesma água nessa fonte nesse poço que é ele mesmo –mas sem o saber, sem se distinguir de si mesmo, nem do outro nem do

¹ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins, 2001.

² HENRY, 2015, P. 347.

³ MARTINS, 2002, p.17.

Fundo”⁴ todos os seres humanos possuem algo que é comum, através da autodoação da Vida, pois só a Vida é capaz de gerar a vida. Quando o eu se reconhece a partir dessa Vida Absoluta ele transcende e experimenta-se a si mesmo possibilitando a relação com o outro que possui essa mesma essência.

Considerações Finais

A passagem de Paulo aos Gálatas (3,28): “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher”⁵, a princípio pode dar a impressão de que Paulo está anulando o visível, contudo, de acordo com Henry em nenhum momento ele desejou negligenciar as singularidades do ser humano. Todavia, a intenção é ir além do visível, valorizando a essência comum que há em cada um e que acaba deixando todo e qualquer aspecto exterior em segundo plano.

Dessa maneira, toda vez que o exterior está em evidencia e o outro é negligenciado na condição de Filho gerado nessa Vida, o eu torna-se egocêntrico, não atingindo somente o outro, mas a própria Vida por consequência desse Fundo Comum como afirma Henry:

E, assim como, segundo estas, era impossível atingir um vivente sem atingir a Vida, golpear um homem sem golpear nele a Cristo e, assim, a Deus, assim também é impossível negar o segundo sem preceder ao mesmo tempo à negação do primeiro, cuspir em Deus sem cuspir no homem. E ai está porque, ao eliminar-se o cristianismo sob o feito conjugado das crenças galileanas e de seu ensinamento quase exclusivo em todas as partes onde este ensinamento se pratica, se seguem inexoravelmente a debacle do humanismo em todas as suas formas⁶.

A objetivação do homem produz o esvaziamento do ser e o desligamento do outro e por conseguinte, o da Vida. Michel Henry através da Fenomenologia da Vida busca aprofundar essa questão, pois de acordo com ele o homem está além da representação, é um ser subjetivo sujeito as relações interpessoais onde o afeto se dá. Por consequência do Fundo Comum todos os seres humanos estão conectados e um depende do outro para se relacionar consigo mesmo.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins, 2001.

⁴ HENRY, 2005, p.145.

⁵ Henry, 2015, p. 348.

⁶ HENRY, 2015, p.369.

ANTÚNEZ, Andrés E. A; FERREIRA, Maristela V. Intersubjetividade em Michel Henry: Relação Terapêutica. Revista da Abordagem Gestática.

HENRY, Michel. Eu sou a Verdade: Por uma Filosofia do Cristianismo. 1ªed. São Paulo: E Realizações, 2015.

MARTINS. Florinda. Recuperar o Humanismo: Para uma Fenomenologia da Alteridade em Michel Henry. Principia: Cascais.

MAURI, Renato G. O Olhar do Outro pelo Outro. CPBEducacional. Disponível em:<<http://educacional.cpb.com.br/conteudos/comportamento/o-olhar-do-outro-pelo-outro/>>. Acessado em: 08 set. 2016.

WONDRACEK. Karin H. K. Ser Nascido na Vida: A fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. EST. São Leopoldo- RS, 2010.